



## Luís Tinoco

# Obras orquestrais, viagens interiores

Oito anos após a publicação do seu primeiro CD monográfico, com música para ensemble de câmara, Luís Tinoco, 43 anos, vê ser editado este mês um novo registo com obras orquestrais: *Round Time*, gravado com a Orquestra Gulbenkian e com três sopranos, publicado e distribuído mundialmente pela Naxos

### Manuela Paraíso

A orquestra Gulbenkian, no acima referido disco de Tinoco, é dirigida pelo maestro norte-americano David Alan Miller, e os três sopranos, que têm trabalhado com o compositor, são Ana Quintans, Raquel Camarinha e a sul-coreana Yeree Suh. O disco reúne quatro obras escritas na última década, três delas para voz solista com orquestra, concebidas sobre textos de autores referenciais: *Search Songs*, sobre poemas do heterónimo pessoano Alexander Search; *From the Depth of Distance*, que junta Álvaro de Campos e Walt Whitman; e o ciclo *Canções do Sonhador Solitário*, uma adaptação das árias da cantata *Os Passeios do Sonhador Solitário*, para a qual Almeida Faria escreveu um libreto baseado no seu conto homónimo. O CD vai ser apresentado numa sessão pública marcada para 9 de Maio, às 20h, na Fundação Calouste Gulbenkian - uma das

principais entidades apoiantes deste disco, concretizado ao fim de anos de tentativas, graças a uma série de fatores, entre os quais um financiamento parcial pela sociedade civil.

**JL: *Round Time*, que dá o nome ao CD, é a mais tocada das suas peças para orquestra. O que representa no contexto da sua obra?**

Foi a minha primeira encomenda para uma peça orquestral e tenho uma ligação afetiva com ela porque foi a partir dela que o meu percurso como compositor investido na escrita orquestral se consolidou. Foi um pontapé de saída para muitas coisas que vieram a acontecer. Depois de a ter escrito, quase todas as peças que me foram encomendadas foram para formações de câmara alargadas, como o Remix Ensemble ou a OrquestraUtópica, ou para orquestra, com ou sem solista, ou de música de cena, como o *Evil Machines* e a ópera *Paint Me*. O meu catálogo não tem muitas peças, porque são de grande dimen-

são e escrevo duas ou três por ano., até porque não posso dedicar-me à composição a tempo inteiro.

O *Round Time* está no disco também porque marca a definição da minha linguagem e do meu estilo, nela faço a síntese do percurso que eu vinha pouco a pouco construindo, de uma série de procedimentos e caminhos que eu andava a experimentar em peças de dimensões mais reduzidas. Foi bem recebida e tocada várias vezes, por diferentes orquestras e maestros portugueses, e recentemente foi estreada em França pela Orquestra de Montpellier. Tinha de estar neste disco porque é uma espécie de impressão digital. É a partir dela que começo a investir mais na escrita vocal e me afasto um pouco dessa matriz.

**As outras três obras do CD são igualmente importantes no seu percurso...**

Sim. A certa altura comecei a sentir necessidade de explorar a voz humana, até porque me interessou muito fazer estas peças orquestrais vocais como preparação para o que queria fazer como música de cena. Quando escrevi as *Search Songs*, já sabia que ia fazer o *Evil Machines* cantado em inglês e como consequência dele escrevi *From the Depth of Distance* para a Ana Quintans, sabendo que mais à frente iria escrever uma ópera. Mas para além de querer explorar a música de cena e ambicionar fazer uma ópera e saber que este era um bom terreno para esse tipo de experiências, sentia que tinha de explorar a minha escrita mais horizontal. Que muita da música que estava a fazer, como *Round Time*, era vertical, muito rítmica, muito dependente da harmonia, da organização vertical das notas. *Round Time* tem muitas linhas melódicas mas em filigrana, em camadas sobrepostas, não no sentido de quem explora a voz humana como instrumento solista.

Escrever peças para voz e orquestra foi por isso uma estratégia

para eu não ficar a fazer eternamente a mesma coisa, foi uma aprendizagem e renovação da minha forma de escrita. Aliás, o título das *Search Songs* é disso simbólico: utilizo textos do Alexander Search mas são também as minhas canções de pesquisa e de procura. Escolhi para este disco peças que considero bem conseguidas, em que me revejo, e achei que faria sentido incluir os meus três ciclos de canções, que trariam homogeneidade ao CD. Por outro lado, isso permitiu a participação de três cantoras com quem trabalhei várias vezes e de quem gosto muito -- e essa relação do compositor com os seus intérpretes, em que se inclui o David Alan Miller, é também ela como uma impressão digital.

**Foi a pensar na Yeree Suh que escolheu os poemas de Alexander Search?**

Quando estava ligado à OrquestraUtópica, fizemos um concerto com peças de compositores sul-coreanos e convidámos a Yeree Suh porque ela cantava essas obras regularmente com agrupamentos de prestígio. Fiquei deslumbrado com a voz dela e decidi escrever para ela uma obra que me tinha sido encomendada pelo prof. Piñeiro Nagy para o Festival do Estoril. Eu estava nessa altura a ler muita poesia de Fernando Pessoa, incluindo a de Alexander Search, que para os entendidos não é ainda um heterónimo perfeito, é de um miúdo de 16 ou 17 anos ainda assim genial. Gostei muito e além disso tinha a vantagem de ser muito menos explorado que os outros heterónimos, por isso escrevi para a Yeree a partir de poemas dele.

**E regressou a Pessoa pouco tempo depois, em *From the Depth of Distance*.**

Foi no ano seguinte. O David Alan Miller e o Cesário Costa fizeram-me uma coencomenda de uma



***Round Time* tem muitas linhas melódicas mas em filigrana, em camadas sobrepostas, não explorando a voz humana como instrumento solista**

peça para ser estreada em 2008, no começo da temporada das suas orquestras, a Sinfónica de Albany e a Orquestra do Algarve. O David queria que a peça tratasse a temática do concerto em que iria ser tocada, que era o das viagens exploratórias. Sendo eu português, ele pensou que iria escrever sobre o Pedro Álvares Cabral ou o Vasco da Gama e queria que utilizasse o

fado (risos). Optei por escrever uma peça em que as viagens não são de exploração geográfica mas dos grandes mistérios que nos rodeiam, enquanto seres vivos pensantes, sobre a vida, a morte, o amor, o que nos fascina e angustia, desde as dimensões planas do dia-a-dia às mais transcendentais e até espirituais.

Nesse sentido, achei que a solução era pegar no Pessoa - neste caso, no Álvaro de Campos - e num poeta essencial para o próprio Pessoa, o Walt Whitman. Em vez dum ciclo de canções, preferi fazer uma pequena cantata em que intercalei textos do Whitman em inglês e do Álvaro de Campos em português, sendo que no poema do Whitman, intitulado "Passage to India" e retirado do *Leaves of Grass*, ele faz referências diretas às viagens dos exploradores portugueses, embora eu não as cite na minha peça. Acaba por ser um jogo de uma ambiguidade entre o viajar pelos mares à procura de espaços desconhecidos e a exploração profunda dum território infinito, que é o interior, do ser humano.

**As *Canções do Sonhador Solitário* partem de uma obra que deve ter constituído um dos maiores desafios em que trabalhou...**

Sim, foi uma proposta do serviço educativo da Casa da Música (CM), que quis que eu integrasse uma interação com um projeto social -- e a hipótese que escolhi foi um coro de miúdos de uma escola de um meio desfavorecido. Nenhum deles sabia uma nota de música mas ficaram fascinados por ir cantar com a orquestra, na CM, algo que eu estava a escrever para eles. Foi um estímulo, assim como trabalhar com o Almeida Faria. Uns anos antes, tinha lido o seu conto "Os Passeios do Sonhador Solitário" e tinha achado que poderia ser adaptado para uma obra de cena. Quando surgiu esta possibilidade, desafiei o escritor a escrever um libreto a partir desse conto, para narrador, soprano e as vozes infantis. Ele criou a personagem da figura feminina, que não existia no texto original, e este belo libreto anda em torno do mito de Orfeu e Eurídice.

**O Almeida Faria, sendo melómano, acolheu com entusiasmo a proposta de escrever este libreto?**

Sim, ele é consumidor compulsivo de ópera e *lieder*. Sempre achei, desde o *Rumor Branco*, que há um elemento musical muito forte associado à sua literatura. Ele não esconde que sempre teve expectativa de um dia poder escrever um libreto para música de cena ou ópera. Gostei muito deste trabalho conjunto, a sua escrita é muito musical e ele compreende que neste tipo de obras tem de prevalecer o ponto de vista musical, porque a estrutura não é o texto em si mas a forma como é trabalhado musicalmente. Ele é um perfeccionista e deu sugestões de melhoramento muito válidas. JL